International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-9, Issue-12; Dec, 2022
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.912.67

WO ES WAR, SOLL ICH WERDEN. Translating the Unspeakable: The Moral and Civilizational Hecatomb of the Holocaust and Ethnic Genocide in Rwanda. No Stories Are Harder to Tell in All of Human History

WO ES WAR, SOLL ICH WERDEN[1]. Traduzindo o Indizível: A hecatombe Moral e Civilizacional do Holocausto e do Genocídio Étnico em Ruanda. Não há Estórias Mais Difíceis de serem Contadas em toda a História da Humanidade

Roberta Fragoso Menezes Kaufmann

Bacharel em Direito (UFPE). Láurea Universitária (UFPE). Prêmios Jovem Cientista (CNPQ). MBA em Direito Econômico pela FGV. Mestre em Direito e Estado (UnB). Doutoranda em Direito Constitucional (IDP). Subprocuradora-geral do Distrito Federal.

Received: 21 Nov 2022,

Receive in revised form: 14 Dec 2022,

Accepted: 21 Dec 2022,

Available online: 31 Dec 2022

***Keywords*— Nazism, holocaust, Jews, Rwanda, genocide .**

***Palavras-chave*— Nazismo, holocausto, judeus, Ruanda, genocídio.**

***Abstract*—** *Through this article, we intend to clarify the reasons that led European civilization to the implementation of the Holocaust, as well as to analyze how the rupture of national unity in Rwanda took place. With regard to the Holocaust, it is proposed to give meaning to the inconceivable ingenious and bureaucratic methodology that was implemented as a form of extermination, precisely at a time when the supposed height of civilization and reason was being celebrated (ADORNO, HORCKEIMER, 1985). It departs from a paradigm peculiar to that of traditional historiography, in the sense of understanding that it was not sadists, psychopaths or perverts who practiced such barbarities, although among these there may have been some, but, in the vast majority, the evil was exercised by common and ordinary human beings who acted in this way in respect of the belief related to the moral duty of the categorical imperative (KANT, 1785), loyalty to the superior and submission to the State. The man who obeys, who does not question, who loses individuality, spontaneity and who is not psychologically aware of himself, but involved in the psychology of the masses, in short, this "man of duty", or "drawer killer" (ARENDT, 2013) became the epicenter of monstrosity, which needs to be analyzed so that it is not reproduced by future generations. In turn, research on ethnic genocide in Rwanda*

[1] "O que era inconsciente, tornar-se ego". FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In: **P. C. Souza. Edição Obras Completa de Sigmund Freud** (Vol. 18, pp. 90-223). Rio de Janeiro: Imago, 2010, p. 87.

intends to demonstrate how the disastrous state action produced immeasurable tragedy, even though it was coated with good intentions.

Resumo— *Por meio do presente artigo, pretende-se esclarecer os motivos que levaram a civilização europeia à implementação do Holocausto, bem como analisar de que maneira se efetivou a ruptura da unidade nacional em Ruanda. No que concerne ao Holocausto, propõe-se conferir sentido à inconcebível metodologia engenhosa e burocrática que foi implementada como forma de extermínio, justamente em um momento no qual se comemorava o suposto auge da civilização e da razão (ADORNO, HORCKEIMER, 1985). Parte-se de paradigma peculiar ao da historiografia tradicional, no sentido de compreender que não foram sádicos, psicopatas ou perversos quem praticaram tais barbaridades, muito embora dentre esses possa ter havido alguns, mas sim, em sua larga maioria, a maldade foi exercida por seres humanos comuns e ordinários que assim agiram em respeito à crença relacionada ao dever moral do imperativo categórico (KANT, 1785), a lealdade ao superior e a submissão ao Estado. O homem que obedece, que não questiona, que perde a individualidade, a espontaneidade e que não se encontra psicologicamente consciente de si, mas envolto na psicologia das massas, em suma, esse "homem do dever", ou "assassino de gaveta" (ARENDT, 2013) tornou-se o epicentro da monstruosidade, que precisa ser analisada para que não seja reproduzida por futuras gerações. Por seu turno, a pesquisa sobre o genocídio étnico em Ruanda intende demonstrar de que maneira a atuação desastrosa estatal produziu tragédia imensurável, ainda que revestida de boas intenções.*

I. INTRODUÇÃO

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, esclarecer os condicionamentos e os motivos das condutas humanas tem sido um dos grandes objetivos civilizatórios ao longo dos tempos para livrar os indivíduos do medo de repetir os erros, para além de investi-los na posição de senhores de si mesmos HORKHEIMER, ADORNO (1985)[2]. Muito embora tanto já se tenha falado acerca das barbaridades cometidas em Ruanda e na Europa nazista[3], a pouca consciência que se tem em relação às circunstâncias que, somadas, resultaram no *modus operandi* do Holocausto reforça a exigência de que somente por meio da educação — iniciada na tenra infância —, da pesquisa sobre os elementos constitutivos da barbárie e da construção de memória específica sobre o tema poderemos tentar evitar que monstruosidades semelhantes voltem a acontecer, o que dependerá do estado de consciência ou de inconsciência que as pessoas consigam efetivamente ter sobre seus impulsos destrutivos, preconceitos, indiferenças e aversões cotidianas ARENDT (1999).

O trabalho de compreender os desastres humanitários relacionados ao Holocausto e ao genocídio em Ruanda passa, necessariamente, por uma análise sobre a psicologia das massas, situação que se caracteriza por as pessoas nela inseridas agirem sugestionadas, em obediência aos seus líderes, em face das expressivas provas de abnegação, fanatismo, apatia, repetição de discursos fantasiosos neuroticamente persecutórios e de dedicação que demonstram ao seguir o pensamento do guia, por mais esotérico, extravagante e absurdo que seja. Importa ainda esclarecer que o indivíduo sob o efeito da psicologia das massas atua de maneira completamente diferente de como agiria quando considerado isoladamente. *Per si*, há o predomínio da vantagem pessoal. Em oposição à curiosidade e à busca pelo conhecimento que acomete pelo menos parte dos indivíduos, as massas não possuem a sede da verdade, partindo rapidamente para alienações, conferindo primazia ao ilusório, ao místico e ao sobrenatural. Atesta ARENDT (2012): "o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto, nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o *fato* e a *ficção* (a realidade da experiência) e a diferença entre o *verdadeiro* e o *falso* (os critérios do pensamento)".

[2] "O sono da razão produz monstros". GOYA (1797 – 1799). FREUD (2010).

[3] A razão pela escolha desses dois exemplos de extermínio decorre da percepção de que se assemelham no sentido de que por meio de ambos se objetivava o fim de um grupo étnico ou religioso.

O que soa alarmante no contexto mundial hodierno é que as palavras da filósofa judia permanecem válidas mais de setenta anos após terem sido escritas, em uma terrível evocação do passado e revelam-se perigosamente potencializadas com o advento da internet e das redes sociais — um mundo no qual as *fakes news*, as mentiras deslavadas e as desinformações são fabricadas para fortalecer narrativas, visando à conformação das mentes, à divulgação de pânico em escala industrial, ao tempo em que são lançadas num fluxo frenético, ininterrupto, excitado, exaltado, enlevado e alvoroçado por *trolls*, disseminadas especialmente por meio de perfis falsos. Quais são as agendas ocultas que financiam tais narrativas? Pouco se sabe. A busca pela precisão do conteúdo é solapada pela avalanche de novas versões da história, outros contextos, diferentes motivações, de sorte que não há mais certezas na pós-modernidade líquida, posto que, para além da checagem quanto à veracidade da notícia, ainda se faz necessário descobrir quem está por trás daquele conteúdo e a troco de quê. Tradicionalmente, a história é contada sob a perspectiva e a partir do olhar e das precompreensões dos vencedores. Todavia, interesses políticos, ideológicos e partidários, tanto de pautas internas, quanto de alinhamento global, contaminam de tal forma a mensagem que, mesmo em se tratando de simples narração de fato, sempre há necessidade de proceder à analítica, complexa e intrincada *atividade de inteligência* para conseguir confiar na informação.

Narrativas passam a ser construídas e solidificadas dentro de bolhas de redes sociais, que por sua vez passam a projetar e se retroalimentar de recalques produzidos neuroticamente por seus medos, ressentindo-se dos ideais e das condutas dos indivíduos de outros grupos, ressuscitando mecanismos de defesa do Ego, como racionalização excessiva, chistes, negação da realidade, repressão, deslocamento, formação reativa, isolamento, compensação, supressão, sublimação, fixação e alienação, perdendo-se o apreço pela checagem da veracidade e pela objetividade, partindo-se para o campo subjetivo das emoções.

A desinformação sobre os fatos e sobre a História predomina nas sociedades em redes, aumentando drasticamente o medo, a insegurança, a insensatez, o desequilíbrio emocional, a desrazão, o pânico e o pavor, despertando os mais primitivos sentimentos de nacionalismo, de ódio ao diferente e aos estrangeiros, de raiva, de desprezo pela autenticidade e pela singularidade, ao tempo em que provoca o florescimento do apego às tradições, aos cultos religiosos e místicos e à moral. Acrescenta-se, ainda, o *culturalismo*, como uma forma mais moderna de discriminação, na qual se mistura o preconceito civilizacional com o ódio racial e o político, além, claro, do cultural. Recentemente, por exemplo, os chineses foram questionados sobre seus padrões alimentares, durante a pandemia da COVID-19.

Sob tal perspectiva, a formação de grupos de extrema-direita ascende em diversas democracias ocidentais. Os indivíduos, presos em suas esferas e protegidos pelo filtro de seus grupos, vêm perdendo completamente a noção da realidade compartilhada socialmente, bem como a habilidade de se comunicar com outras pessoas que possuam opiniões diferentes. Perde-se o diálogo produtivo entre tribos distintas, predominando o desprezo, a raiva, a agressividade, a ignorância, a intolerância, a falta de paciência, a pouca abertura para conversa, enfim, estamos vivenciando tempos estranhos e sinistros. Há corrosão da democracia, da liberdade de pensamento e da liberdade de expressão, potencializada pelo fato de que, a todo momento, surgem ameaças de censura, de prisão, de cancelamento nas redes, bem como de exclusão de contas em redes sociais (atual esfera pública do debate, já que os meios de comunicação estão com reduzida credibilidade)[4].

Torna-se imperioso, dessa maneira, revisitar e estudar quais foram as ideias que propiciaram o desenvolvimento do Holocausto e do Genocídio em Ruanda, para que sentimentos nacionalistas não ressurjam misturados com pensamentos racistas, antissemitas, segregacionistas, xenofóbicos ou identitários. Analisar o conceito de identidade, de etnia ou de raça, nesse viés, vai além da perspectiva nacional, atravessando a liquidez das fronteiras promovida com a globalização e com a pós-modernidade. Se por um lado a experiência internacionalizante traz o derretimento do Estado, a partir da liquidez dos limites, sob a lógica geográfica, econômica, tecnológica e política, por outro plano, também se percebe a presença cada vez mais forte do movimento local, que busca afirmar as diferenças que tornam cada cultura e cada povo como único e ciente de si mesmo, dos seus valores, de sua identidade e de sua alteridade[5]. Tentar compreender os

[4] Nesse tom: "nos últimos anos, diversos países de todos os cantos do mundo foram acometidos por uma espécie de nacionalismo de extrema-direita. A lista inclui Itália, Rússia, Hungria, Polônia, Índia, Turquia e Estados Unidos. A tarefa de generalizar em torno de tal fenômeno é sempre problemática, já que o contexto de cada país é sempre único. Mas essa generalização é necessária agora. Escolhi o rótulo ´fascismo´ para qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural), no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome". STANLEY (2018).

[5] Na mesma perspectiva, SOUZA (1997). E continua: o "não-reconhecimento não é algo inofensivo e sem consequências, mas pode infligir mal, pode ser uma forma de opressão insidiosa aprisionando uma pessoa em uma concepção falsa, distorcida e

pormenores que ensejaram tais catástrofes humanas não significa esquecer o *ultrajante* ou explicar fenômenos por meio de generalidades, simplificações grosseiras ou precárias analogias. Do contrário, significa antes suportar o fardo de maneira consciente, encarar a realidade, perceber as sombras e inexatidões, de maneira cuidadosa, espontânea e atenta para conseguir produzir resistência. Ademais, importa ainda não sucumbir ao pessimismo.

BAUMAN (2005) traduz o quão complexa é a percepção de identidade na pós-modernidade líquida: "no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, a sabedoria popular foi rápida em perceber os novos requisitos. Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais suficientes para registrar as realidades do mundo: 'seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro".

Por meio desse estudo, objetiva-se inicialmente garantir e efetivar o direito à memória das vítimas, bem como transmitir, às futuras gerações, a responsabilidade de prevenir a reiteração de tais graves violações ao ser humano. A educação funciona, assim, como a mais importante estratégia para prevenir novos genocídios e hecatombes. Como bem explica TODOROV (2000): "Parece, pois, que se temos que conservar viva a memória do passado, não se tem por escopo o pedido de reparações pelos danos sofridos, mas para permanecermos alertas frente a situações novas e análogas. Deste modo, longe de seguirmos como prisioneiros do passado, coloquemos o passado a serviço do presente e a memória a serviço da justiça".

II. O HOLOCAUSTO

No que concerne ao Holocausto, por muito tempo houve alienação da realidade ou mesmo parcial negação, a partir da construção de uma narrativa de que os nazistas eram sujeitos desequilibrados, bárbaros e monstruosos. Referida percepção, muito embora possa ser reconfortante e tranquilizadora, certamente não explica de maneira adequada a hecatombe ocorrida. Não é razoável supor que, praticamente, 60 milhões de alemães (considerando a aprovação de 80% do povo ao regime nazista) no curto espaço do entreguerras, tenham simplesmente enlouquecido. Como bem aponta ARENDT (2012) — ao comentar o julgamento de Eichmann em Jerusalém, ocorrido em 1961 após espetacular captura do nazista em Buenos Aires pela equipe de inteligência do serviço secreto de Israel, o *Mossad* — os laudos médicos simplesmente não corresponderam à percepção de que se estava diante de psicopatas ou de fanáticos a serviço de uma causa. A maioria dos nazistas e colaboradores era composta por pessoas ordinárias, comuns, rotineiras, cotidianas, burocráticas, medíocres, alguns inclusive com histórico de elogios sobre seus caráteres e atestados de louvável cumprimento dos deveres. Com efeito, durante o processo de Eichmann, um dos psiquiatras encarregados de examiná-lo destacou que seu comportamento para com sua mulher e seus filhos, seu pai e sua mãe, seus irmãos, irmãs e amigos "não apenas era normal, mas era excelente" CRASNIANSKI (2018).

Foram extremamente pesadas as perdas impostas pelo Tratado de Versalhes (1919) à Alemanha, tanto do ponto de vista financeiro, quanto moral, territorial e militar. Exigiu-se que a Alemanha reconhecesse culpa exclusiva pela guerra, um verdadeiro massacre para o incipiente País. A maioria das pessoas que reflete e que conhece o holocausto prefere acreditar que tanto os nazistas, quanto os apoiadores alemães, para além dos colaboradores, eram monstros sanguinários enfurecidos, sedentos de vingança e repletos de ressentimentos por conta dessas pesadas consequências impostas com o término da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1917). É que a normalidade dos verdugos parece muito mais desesperadora, angustiante, apavorante, contraditória, incongruente, paradoxal e aterrorizante, uma vez que não se consegue jamais arrumar legítima explicação. Como a civilização alemã, tão racional e culta, deixou essa hecatombe ocorrer? Por que os alemães não se insurgiram e combateram as monstruosidades praticadas? Ainda que não soubessem exatamente o nível das barbaridades que estavam acontecendo – mesmo porque inimagináveis diante da condição humana em oposição à besta fera – não há outra conclusão possível exceto o espanto diante da inércia ao sofrimento. *Dachau*, por exemplo, era um campo de concentração localizado dentro da zona urbana. Os guetos também. Por que os alemães não se uniram aos judeus para juntos fazerem algo contra os nazistas? Na literatura sobre o tema, observa-se pouca menção a revoltas, diante da gravidade dos fatos. "Os monstros existem, mas são pouco numerosos demais para serem verdadeiramente perigosos; os mais perigosos são os homens normais", constatou LEVI (1988).

Como tentativa de explicação, a filósofa judia Hannah Arendt desenvolveu a teoria da "banalidade do mal" e evocou para tanto um funcionariozinho zeloso,

---

reduzida de si. Assim, reconhecimento não é cortesia ou gentileza, mas uma necessidade vital. Uma imagem depreciativa de povos ou comunidades pode tornar-se uma das formas mais potentes e expressivas da opressão destas".

tristemente comum, que não pensa absolutamente sobre a ética e que se mostra incapaz de distinguir o bem do mal. Não que ela o desculpe, mas de certa forma o compreende, a partir da percepção de que o *desumano habita em cada um de nós*. Na visão da escritora, seria necessário jamais abdicar da razão, viver em constante situação zetética, quando imperam as dúvidas, as incertezas, os questionamentos. Viver no automático termina descambando na insensível indiferença que pauta a burocracia. Nesse tom, o filósofo Camus, *absurdista*, aproveita seu romance *O Estrangeiro* para explicar o sentimento do completo desatino, logo nas primeiras linhas da sua obra-prima. O argelino abre a narrativa explicando aos leitores que, muito embora tivesse acabado de perder a mãe, que morrera, sentia-se mais propriamente *incomodado* com a chateação que isso significava – as formalidades de um velório - do que propriamente se ressentia pela partida. Sentimentos absurdos, porém, reais, que precisam ser nomeados para serem mais bem compreendidos.

Diz LACAN que a *coisa* só passa a existir quando a ela se atribui um nome. Dito de outra maneira, para que a coisa exista, é preciso que se nomeie. Como entender a ausência de conexão da expressiva maioria dos nazistas com a loucura ou com o mal, no sentido *demoníaco* do termo? A ausência de patologia psiquiatra foi percepção inclusive referendada pelo sacerdote no caso de Eichmann após visitá-lo regularmente na prisão, chegando até mesmo a tranquilizar as pessoas que estavam acompanhando o julgamento para informar que o acusado era "um homem de ideias muito positivas". Conclui Arendt "por trás da comédia dos peritos da alma estava o duro fato de que não se tratava. evidentemente, de um caso de sanidade moral e muito menos de sanidade legal[6]".

Quais fatores conjugados deram ensejo à inenarrável expressão máxima da estupidez humana, o Holocausto? O programa político do nazismo se baseava na teoria do racismo e do arianismo, lastreada pelo neopaganismo, com elementos sincretistas e ocultos. De início, verificou-se a reunião de indivíduos órfãos do regime Imperial, em busca de um líder messiânico, Adolf Hitler, que era simples, popular, carismático e dono de oratória brilhante. Referida congregação se justificava por profunda recessão econômica, fundamentada na busca de um ideal romântico, naturista, primitivo, místico, religioso ou mágico, fortalecido na crença da superioridade de sangue e consolidada a partir do massivo bombardeio de mensagens subliminares e ostensivas na comunicação, nas artes, na música, no cinema, na publicidade e na propaganda. Tais fatores, atrelados às influências do excesso de civilização, apego estratosférico ao rigor, à ordem, à disciplina, ao cumprimento implacável das regras, aliados à apatia, burocracia, ausência de empatia, de humanidade, de alteridade, de compaixão, de solidariedade, de individualização, de espontaneidade, para além de demasiada racionalidade, conduzidos em uma sociedade burocrática e com incisivas inclinações autoritárias foram capazes de instaurar uma nova ordem moral, a partir do pensamento da massa, ocasião em que as inibições

[6] E complementa: "pior ainda, seu caso evidentemente não era de um ódio insano aos judeus, de um fanático antissemitismo ou de doutrinação de um ou outro tipo. (...) Claro, ninguém acreditou nele. O promotor não acreditou, porque não era essa a sua função. O advogado de defesa não lhe prestou atenção porque, ao contrário de Eichmann, ele não estava, aparentemente, interessado em questões de consciência. E os juízes não acreditaram nele, porque eram bons demais e talvez também conscientes demais das bases de sua profissão para chegar a admitir que uma pessoa mediana, "normal", nem burra, nem doutrinada, nem cínica, pudesse ser inteiramente incapaz de distinguir o certo do errado. Eles preferiram tirar das eventuais mentiras a conclusão de que ele era um mentiroso — e deixaram passar o maior desafio moral e mesmo legal de todo o processo. A acusação tinha por base a premissa de que o acusado, como toda "pessoa normal", devia ter consciência da natureza de seus atos e Eichmann era efetivamente normal na medida em que "não era uma exceção dentro do regime "nazista". ARENDT (2012). E prossegue com mais um exemplo dentre vários que estão descritos no decorrer do livro sobre comportamento que parece no mínimo controverso para quem necessariamente estava sendo exposto como um psicótico sanguinário e ensandecido: "em setembro de 1941, pouco depois de suas primeiras visitas oficiais aos centros de extermínio do Leste, Eichmann organizou suas primeiras deportações em massa da Alemanha e do Protetorado, de acordo com um "desejo" de Hitler, que pediu a Himmler que tornasse o Reich *judenrein* o mais depressa possível. O primeiro carregamento continha 20 mil judeus do vale do Reno e 5 mil ciganos, e uma coisa estranha aconteceu com esse primeiro transporte. Eichmann, que nunca havia tomado uma decisão própria, que tinha sempre extremo cuidado em estar *coberto* por ordens, que — como confirma o testemunho dado de livre vontade por todas as pessoas que trabalharam com ele — não gostava nem de fazer perguntas e sempre solicitava *diretivas*, agora, *pela primeira e última vez* tomava uma iniciativa contrária às ordens: em vez de mandar essa gente para território russo, Riga ou Minsk, onde os judeus teriam sido fuzilados imediatamente pelos *Einsatzgruppen*, ele dirigiu o transporte para o gueto de Lódz, onde sabia que ainda não havia sido feita nenhuma preparação para o extermínio — quando mais não fosse porque o homem encarregado do gueto, um certo *Regierungspräsident Uebelhör*, havia encontrado maneiras de obter um lucro considerável com *seus* judeus (Lódz, na verdade foi o primeiro gueto a ser fundado e o último a ser liquidado; seus ocupantes que não morreram de doença e fome sobreviveram até o verão de 1944.) Essa decisão deixaria Eichmann numa posição bastante delicada. O gueto estava superlotado, e o sr. *Uebelhör* não estava disposto a receber mais gente, nem tinha condição de acomodá-las. E ficou tão zangado que chegou a reclamar com Himmler que Eichmann havia enganado a ele e seus homens com *truques de vendedor de cavalos, aprendidos com os ciganos*. Himmler, assim como *Heydrich*, protegia Eichmann e o incidente foi logo perdoado e esquecido. (...). Embora Eichmann tenha esquecido isso completamente, esse era, nitidamente, o único caso em que ele havia realmente tentado salvar judeus. ARENDT (2012). Ver ainda em ARENDT (2005).

individuais caíram por terra e os instintos bárbaros, brutais, cruéis e destrutivos, que dormitam em todos os seres humanos como vestígios dos primórdios dos tempos, pretéritos até à condição humana, são despertados e se descolam do indivíduo para a livre satisfação animal. “Para meu profundo desgosto, testemunhei a mais terrível derrota da razão e o mais fervoroso triunfo da brutalidade (…) nunca, jamais, uma geração sofreu tamanha hecatombe moral e de tal altura espiritual como a nossa” ZWEIG (2009). “Meu vocabulário é demasiadamente pobre para descrever a enormidade de semelhante aniquilamento de um povo”. E FREUD (2017) finalmente explica: “*la razón humana es una lucecita muy pequeña, pero maldito el que la apague*”.

Pode-se, então, analisar o fenômeno de como se constrói a alienação surreal coletiva a partir do paradigma da psicologia de massas, que é um ramo da psicologia social que observa de que modo o indivíduo age quando está inserido em uma multidão, além de verificar o que propriamente conduz o ser humano a se reunir em grandes grupos que compartilham ideias e sentimentos[7]. Sócrates explica na República de PLATÃO (2017) que as pessoas não são naturalmente levadas ao autogoverno, ao revés, os indivíduos almejam ter um líder forte para seguir. Com efeito, a ação inconsciente das massas que substitui a atividade consciente dos indivíduos é uma das principais características da era atual. Muito embora os grupos reunidos tenham sempre desempenhado função relevante no cotidiano dos povos; esse papel nunca havia sido considerado tão importante. Ordinariamente, a massa é uma congregação de pessoas aleatórias, não identificadas pelas pautas minoritárias, reunindo pessoas independente de suas crenças, cultura ou sexo. A denominação massa psicológica, entretanto, refere-se ao conjunto de seres que se reúnem com o propósito de alcançar finalidade coletiva. A partir da formação desse agrupamento, percebe-se o paulatino definhamento da consciência e os sentimentos, as vontades e as ideias passam a ser comandados e dirigidas por um inconsciente coletivo. Em sua obra *Psicologia das Massas*, LE BON (2019), polímata inspirador de Freud, destrinchou os três elementos necessários para formação das distintas características de uma massa psicológica: contágio, anonimato e sugestionabilidade[8].

Ao analisar os filhos dos oficiais e líderes nazistas mais proeminentes, CRASNIANSKI (2018) observou que a característica mais evidente relacionada a um grupo psicológico é o fato de que, independentemente das qualidades individuais de cada um, seja referentes a hábitos, religião, gostos, cultura ou origem, modo de vida, ocupações, caráter ou inteligência, o fato de haverem sido transformados em um grupo coloca-os na condição de virarem membros de certo tipo de mentalidade coletiva que ocasiona forma de sentir, agir, pensar bastante diferente do que aconteceria se o ser fosse analisado individualmente. Nesse sentido, aduz existirem determinadas ideias e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo[9].

A democracia, nesse diapasão, ao permitir a livre expressão e o mercado livre de ideias, abre espaço para que um demagogo se aproveite dos medos dos indivíduos. Por outro lado, as manifestações de revisionistas e de negacionistas sobre os acontecimentos do Holocausto não param de crescer, impulsionadas pela facilidade e velocidade de compartilhamento de informações por meio de redes sociais. Dados colhidos pela pesquisadora DIAS (2019), apontam que em 2019 havia 334 células neonazistas no Brasil, número que subiu para 530 em 2021, representando um aumento de quase 60% em dois anos[10]. Margaret Atwood apontou para os *sinais de alerta* que tornam um povo suscetível à demagogia e à manipulação política, transformando-os em presa fácil para déspotas: a substituição da razão pela emoção, a pouca importância conferida aos fatos, para além da corrosão da linguagem[11].

---

[7] Importante destacar que o estudo irá se fundamentar a partir da teoria da psicologia de massas. Na História das Relações Internacionais, todavia, de matriz francesa, Renouvin e, depois, Duroselle, denominavam os ódios civilizacionais como “forças profundas” que, manietadas por líderes, poderiam servir para agendas políticas.

[8] Afirma ARENDT (2013): “as massas haviam chegado a um ponto em que, ao mesmo tempo, acreditavam em tudo e em nada, julgavam que tudo era possível e que nada era verdadeiro. A própria mistura, por si, já era bastante notável, pois significava o fim da ilusão de que a credulidade fosse fraqueza de gente primitiva e ingênua, e que o cinismo fosse o vício superior dos espíritos refinados. A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. Os líderes totalitários basearam a sua propaganda no pressuposto psicológico correto de que, em tais condições, era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações em determinado dia, na certeza de que, se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática”.

[9] Nesse tom, também GERBER, ZANOTTI (2022). **Descendants of notorious nazis**: Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/yxHhyZbgCBhtdrLMMZ8Zf8D/?lang=pt. Acesso em: 03 DEZ 2022.

[10] Entrevista com a DIAS (2022). Disponível em: ENTREVISTA: O movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro |CAMA DE GATO - YouTube. Acesso em: 26 SET 2022. A maior quantidade de células atualmente no Brasil se encontra nos estados de São Paulo e de Santa Catarina.

[11] ATWOOD (2022). Sobre a linguagem, importante destacar relevante missão quanto à implementação do Poder. Bem atesta

A expressão "grandes grupos", para a Psicanálise, dirige-se ao conjunto de membros que se reúnem para analisar certo problema. Quando o objetivo almejado pelo "grande grupo" é genérico, vago e desestruturado, o grupo regride. Na ocasião, detecta-se crescente ansiedade, caos e pânico entre os membros. Para escaparem do estado de desespero e de angústia, passam então a demonstrar traços paranoicos e narcisistas, com base em mecanismos mentais primitivos[12].

BAUMAN (1998) assevera que, inegavelmente, o Holocausto foi uma *tragédia judaica*. Como já mencionado, embora os judeus não tenham sido a única população afetada, foram marcados para o extermínio. Mesmo assim, é inequívoco que o Holocausto não foi simplesmente um *problema judeu*, nem questão da *história judaica* unicamente. "*O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura.* A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida. Quanto mais culpáveis forem 'eles', mais seguros estaremos 'nós' e menos teremos que fazer para defender essa segurança, aponta o filósofo polonês.

Na visão de SARTRE (2009), "escolhemos nosso passado à luz de certo fim, mas, a partir daí, ele se impõe e nos devora". Meditar sobre o Holocausto é uma obrigação moral na medida em que compreendê-lo nos torna aptos identificar as sombras que existem em todos

CARROL (2002) ao contar a história de Alice: "quando eu uso uma palavra", disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, "ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos". "A questão é", disse Alice, "se pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes". "A questão", disse Humpty Dumpty, "é saber ***quem*** vai mandar. Só isto". O livro A linguagem do Terceiro Reich, escrito pelo filólogo Victor Klemperer, é apresentado aos leitores da seguinte maneira: "[Victor Klemperer] um judeu alemão assimilado, convertido ao protestantismo, sem militância política, assistiu com perplexidade ao que lhe parecia inverossímil: a ascensão da barbárie no coração da Europa. Perdeu a cidadania do país que amava, quando a doutrina racial se tornou lei. Foi afastado da cátedra, das bibliotecas e do convívio normal com os demais. Teve a casa confiscada. Viu amigos e conhecidos e até o próprio filho adotivo aderirem ao regime que o discriminava. Forçado a usar a estrela de Davi sobre a roupa, como forma de identificação, conheceu todas as humilhações. Escapou dos campos de concentração graças à mulher, Eva Klemperer, uma *ariana* para usarmos o termo da época que se recusou a abandoná-lo, acompanhando-o nas *Judenhauser* [casas de judeus] como fiadora da sua sobrevivência. Durante a guerra, Victor foi enviado como trabalhador manual para as fábricas carentes de mão de obra. O desespero e a morte rondaram, durante anos, a vida dos dois. A vingança foi escrever um diário. Victor acordava às 3: 30h da manhã para registrar tudo, clandestinamente. Eva contrabandeava as observações para a casa de uma amiga fiel. Elas descrevem, vistas de dentro, a ascensão do nazismo, a glória do regime, a adesão das massas, a onipresença de um poder totalitário, as perseguições, a guerra e, finalmente, a derrota. Mostram muitos aspectos desse processo, mas têm um fio condutor, o estudo da linguagem: "o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões ou frases, impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas mecanicamente. […] Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar. O nazismo se consolidou quando dominou a linguagem, eis a tese do livro. O filólogo mostra como as palavras aparecem e desaparecem, mudam de sentido e de ênfase, se encadeiam de diversas formas, emitem mensagens diferentes ao longo do tempo. Vê, estarrecido, que até mesmo as vítimas usam a linguagem do Terceiro Reich. Percebe que o poder se exerce, em larga medida, por meio de mecanismos inconscientes: quem controla as maneiras como nos expressamos também controla as maneiras como pensamos. Ver em KLEMPERER (2000).

[12] VOLKAN (2007). LE BON (2019), na psicologia das multidões, afirma que: "o indivíduo que faz parte de um grupo adquire, unicamente por considerações numéricas, um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a instintos que, estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção. Ficará ele ainda menos disposto a controlar-se pela consideração de que, sendo um grupo anônimo e, por consequência, irresponsável, o sentimento de responsabilidade que sempre controla os indivíduos, desaparece inteiramente". No que Freud complementa: "basta-nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana. Não é difícil compreendermos o esvaecer da consciência ou do sentimento de responsabilidade nestas circunstâncias. Há muito afirmamos que o cerne da chamada consciência moral consiste no "medo social" pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala na civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos". FREUD, Sigmund. (2011). E prossegue: "uma vez que a atribuição de culpa for considerada equivalente à identificação das causas, a inocência e sanidade do modo de vida de que tanto nos orgulhamos não precisam ser colocadas em dúvida. núcleo principal da fobia de imigrantes permanece oculto das atenções (de fato, do conhecimento) da Europa Ocidental e nunca vem à superfície. BAUMAN (2004) alerta "culpar os imigrantes" estrangeiros e recém-chegados, e particularmente estrangeiros recém-chegados por todos os aspectos da doença social (e acima de tudo pelo nauseante e desabilitante sentimento de *Unsicherheit, incertezza, precarité,* insegurança) está se tornando rapidamente um hábito global. Nas palavras de Heather Grabbe, diretora de pesquisa do Centro para a Reforma Europeia, "os alemães culpam os poloneses, os poloneses culpam os ucranianos, os ucranianos culpam os quirguizes, que por sua vez culpam os usbeques", enquanto países pobres demais para atrair vizinhos em busca desesperada por meios de sobrevivência, tais como Romênia, Bulgária, Hungria ou Eslováquia, direcionam seu ódio aos habituais suspeitos e culpados de plantão: aquelas pessoas do lugar mas em constante mudança, sem endereço fixo, e assim sempre e onde quer que estejam "recém-chegadas" e forasteiras: os ciganos".

os humanos. Sua importância reforça e amplia a máxima de SANTAYANA (1905)[13], repetida à exaustão, de forma mais ou menos consciente, tanto pela esquerda como pela direita brasileiras, desde 1988: "Aqueles que não querem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo", acrescentaríamos em maior ou menor intensidade. A ideia de uma existência que segue na perpétua infância, inviabiliza o crescimento moral de uma sociedade e amadurecimento social, o que só acontece se efetivar-se a elaboração do passado como mecanismo de interpretação do presente.

III. O CASO DE RUANDA

Ruanda é um país africano cuja história recente se construiu a partir do embate entre duas visões bem distintas, a dos colonizadores e a dos colonizados e que terminou em um confronto de proporções inimagináveis. A história se passa nos anos 1990[14]. Ruanda foi uma das inúmeras nações construídas depois do Tratado de Berlim. Primeiro, passou pelas mãos dos alemães e depois da Primeira Guerra Mundial foi entregue à Bélgica. Era uma sociedade que se enxergava como uma única nação, na qual todos falavam a mesma língua e tinham uma mesma fé. Ruanda era descrita pelos historiadores como uma terra onde contrastava a pluralidade de "raças" com um genuíno sentimento de unidade nacional. Nesse sentido escreveu o historiador LACGER (1940): "há poucos povos na Europa entre os quais encontremos esses três fatores de coesão nacional: uma língua, uma fé, uma lei"**.** Havia diferenças entre as pessoas que ali viviam, mas elas se casavam entre si, frequentavam os mesmos templos, trocavam suas mercadorias, relacionavam-se no dia a dia. O povo se dividia basicamente em lavradores, que se viam como ***Hutus***, e pastores, criadores de gado, que se pensavam como ***Tutsis***. Ao longo da colonização belga, e mesmo antes, durante a ocupação alemã, os tutsis foram considerados superiores e os dominadores utilizavam-nos na sua administração. O mito de origem da nação dizia que os tutsis eram herdeiros superiores de uma tribo de origem etíope, descendente do rei Davi bíblico e, portanto, de uma raça superior aos negroides nativos. Não podemos ignorar que essa imagem de grupos separados em Ruanda foi reforçada pelo colonizador: a Bélgica também era cortada por uma divisão étnica separatista entre valões e flamengos. Assim, os belgas, informados por suas próprias divisões internas, decidiram organizar aquela sociedade colonizada - considerada por eles repleta de ambiguidades insuportáveis.

Em 1933, resolveu-se fazer um censo étnico com a intenção de proteger os hutus da dominação tutsi. Dividiram a sociedade entre hutus e tutsis e todos passaram a ter na sua carteira de identidade a definição precisa entre as duas etnias. Com o fim da Segunda Grande Guerra e a luta na Europa pela igualdade, na Bélgica, exatamente os flamengos, lutavam para adquirir os seus direitos. Muitos pastores protestantes da minoria flamenga foram enviados para Ruanda. Lá, encontraram uma situação em que os hutus também eram "os dominados" e a identificação foi imediata. Quando da luta interna de Ruanda pela independência, os hutus lideraram o partido em prol da independência e lançaram a ideia de igualdade, de liberdade, que se parecia com o discurso moderno de cidadania que estava se processando na Europa.

Na verdade, embora identificado pelos Belgas como um discurso libertário, aquelas palavras hutus significavam luta étnica. Assim, em março de 1957 um grupo de intelectuais publicou o manifesto hutu reivindicando democracia e fim da submissão aos tutsis. Dessa feita, o mito da superioridade tutsi não foi rejeitado, mas teve outra interpretação: se eles eram povos superiores e descendiam de imigrantes, no fundo, eram os invasores e a nação de fato pertencia aos hutus.

Em 1992, o ideólogo do poder hutu Leon Musegera pronunciou um famoso discurso, conclamando os hutus a mandar os tutsis de volta à Etiópia pelo rio Nyabarongo, um tributário do Nilo que atravessa Ruanda. Ele não precisou repetir. Em abril de 1994 o rio estava entulhado de tutsis mortos e dezenas de milhares de corpos jaziam nas margens do lago Vitória.

Ao longo desses anos, de 1933 até o genocídio em 1994, o país que era misturado, ambíguo no seu sistema de classificação, acabou adquirindo a rigidez imposta pelo Estado com as carteiras étnicas, e, espelhado na divisão dos dominadores, cindiu-se entre hutus e tutsis[15]. Um povo que tinha uma mesma religião, falava uma mesma língua e se considerava parte de uma mesma nação foi cindido em dois e tal divisão acarretou um profundo e tenebroso ódio entre irmãos. Os grupos que foram forjados por força de uma lógica de racismo institucionalizado,

[13] No trecho inteiro, raramente citado, lê-se: *"Progress, far from consisting in change, depends on retentiveness. When change is absolute there remains no being to improve and no direction is set for possible improvement; and when experience is not retained, as among savages, infancy is perpetual. Those who cannot remember the past are condemned to repeat it."*

[14] A descrição dos eventos que transformaram Ruanda foi feita com base em GOUREVITCH (2002).

[15] O genocídio em Ruanda deixou mais de 800 mil mortos. O Tribunal Penal Internacional impôs diversas condenações aos acusados do genocídio. Em 14/07/2009, mais um culpado foi condenado à prisão perpétua: o ex-prefeito de Kigali, coronel Tharcisse Renzaho. O coronel foi um dos que incentivou a criação de leis raciais.

apesar de iniciado com a melhor das intenções, acabaram se transformando em personagens trágicos de uma cruenta destruição.

IV. CONCLUSÃO

Educar sobre o Holocausto não é apenas reverenciar a memória dos que partiram, mas sobretudo trazer luz às barbaridades cometidas no auge do pensamento civilizatório e racional humanos. Diferentemente do que se explica nas escolas brasileiras e nos filmes e seriados à que assistimos sobre o tema no cinema ou em canais de *streaming*, a capacidade de fazer o mal não está inserido apenas nas pessoas consideradas psicóticas, transtornadas ou psicopatas em uma sociedade. Do contrário, habita na própria condição humana. Se não fizermos vigilância atenta, especialmente em um momento em que o discurso de ódio se propaga na velocidade incontrolável das redes sociais, lastreado muitas vezes em *fake news*, poderemos repetir a sina de condenarmos povos inteiros ao extermínio físico, moral ou psíquico, com danos sempre irreparáveis em termos civilizatórios. A barbaridade do homem comum, que não reage, que não questiona, que se acomoda, que segue com a multidão, que normaliza a violência, que se aliena, que não se revolta, que não denuncia, que se legitima pela ação de pares e que pode ser o nosso vizinho, nossos filhos ou até nós mesmos. Como bem aponta Umberto Eco:

> "Os fundamentos teóricos de *Mein Kampf* podem ser refutados com uma bateria de argumentos bastante elementares, mas se as ideias que propunha sobreviveram e sobreviverão a qualquer objeção é porque se apoiam em uma intolerância selvagem, impermeável a qualquer crítica. (...) Qualquer teoria se torna inútil diante de uma intolerância crescente, que ganha terreno a cada dia. A intolerância selvagem baseia-se em um curto-circuito categorial que pode, depois, ser emprestada a qualquer doutrina racista: se alguns entre os albaneses que entraram na Itália no ano passado tornaram-se ladrões ou prostitutas (e é verdade), todos os albaneses são, portanto, ladrões e prostitutas. É um curto-circuito terrível porque constitui uma tentação constante para cada um de nós: basta que nos roubem a mala no aeroporto de um País qualquer para que voltemos para casa dizendo que é bom desconfiar da gente do tal País. E mais, a intolerância mais tremenda é a dos pobres, que são as primeiras vítimas da diferença. Não há racismo entre os ricos. Os ricos produziram, no máximo, as doutrinas do racismo; mas os pobres produzem sua prática, bem mais perigosa. Os intelectuais não podem lutar contra a intolerância selvagem, porque diante da animalidade pura, sem pensamento, o pensamento fica desarmado. E é sempre tarde demais quando decidem bater-se contra a intolerância doutrinária, pois quando a intolerância se faz doutrina é muito tarde para vencê-la e aqueles que deveriam fazê-lo tornam-se suas primeiras vítimas. Mas aí está o desafio. Educar para a tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos raciais, étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tenha início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais[16].

Adorno explica de maneira semelhante, opondo-se, todavia à educação pela dureza, quando se imagina que o mérito deriva da condição de suportar o

[16] ECO, Umberto. (1998).

insuportável, como acontece, por exemplo, quando se exige que um soldado execute alguém em nome de um bem maior da nação. Esses atos, lembra-nos Adorno, nos remetem também ao sadomasoquismo e à indiferença à dor, à frieza necessária ao ato que se perpetua no indivíduo e mata sua "humanidade", pois lhe retira a capacidade de sentir compaixão, que deriva da percepção da dor do outro e da ação que objetive minimizá-la. Para ele,

> "a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. E espantosa a rapidez com que até mesmo as pessoas mais ingênuas e tolas reagem quando se trata de descobrir as fraquezas dos superiores. Facilmente os chamados compromissos convertem-se em passaporte moral – são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável ou então produzem rancores raivosos psicologicamente contrários à sua destinação original. Já mencionei a tese de Freud acerca do mal-estar na cultura. Ela é ainda mais abrangente do que ele mesmo supunha: sobretudo porque, entrementes, a pressão civilizatória observada por ele multiplicou-se em uma escala insuportável. Por essa via, as tendências à explosão a que ele atentara atingiriam uma violência que ele dificilmente poderia imaginar. (...). É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional"[17].

Jüng completa o pensamento freudiano e traz à lume o conceito de sombra: "o lado sombrio também pertence à minha totalidade e, ao tomar consciência da minha sombra, consigo lembrar-me de novo de que sou apenas um ser humano como os demais. Confrontar alguém com sua sombra significa também mostrar-lhe sua luz. Quando se experimenta algumas vezes estar na posição de julgador entre opostos, então percebemos com clara evidência o que se entende pelo próprio si mesmo. Quem percebe ao mesmo tempo sua sombra e sua luz se enxerga dos dois lados e, assim, fica no meio...."[18].

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

[1] ADORNO, Theodor (1967). **A educação após Auschwitz**. Transmissão na rádio de Hessen, em 18 de abril de 1965, publicada em *Zum Bildungsbegriff der Gegenwart*, em Frankfurt, no ano de 1967.

[2] ARENDT, Hannah (2012). **As Origens do Totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

[3] ——, Hannah (1999). **Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução: José Rubens Siqueira. 13ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

[17] ADORNO, Theodor. (1967).

[18] JÜNG, Carl (2013).

[4] ——, Hannah (2005). **La imagen del Infierno (septiembre de 1946). Ensayos de comprensión (1930-1954)**. Tradución: Agustín Serrano de Haro. Madrid: Caparrós Editores.
[5] ——, Hannah (1972). **Wahrheit und Lüge in der Politik: Zwei Essays.** Berlim: R. Piper.
[6] ATWOOD, Margaret (2022). My Hero: George Orwell. The Guardian, 18 de janeiro de 2013. Disponível em: https://www.theguardian.com/books/2013/jan/18/my-hero-george-orwell-atwood. Acesso em: 26 SET 2022.
[7] BAUMAN, Zygmunt (2004). **Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
[8] ——, Zygmunt (2005). **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar.
[9] ——, Zygmunt (1998). **Modernidade e Holocausto**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar.
[10] CALDWELL, Peter (1997). **Popular Sovereignty and the Crisis of German Constitutional Law**. **The Theory & Practice of Weimar Constitucionalism**. London: Duke University Press.
[11] CARROL, Lewis (2002). **Alice: edição comentada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
[12] JÜNG, Carl (2013). **Obras Completas.** Volume XVI. Petrópolis: Editora Vozes.
[13] CRASNIANSKI, Tania (2018). **Filhos de Nazistas. Os impressionantes retratos de família da elite do nazismo.** Tradução de Fernando Scheibe. 1ª ed. São Paulo: Vestígios.
[14] DIAS, Adriana (2022). Disponível em: ENTREVISTA: O movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro |CAMA DE GATO - YouTube. Acesso em: 26 SET 2022.
[15] ECO, Umberto (1998). **Cinco escritos morais**. Tradução de Eliana Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.
[16] FREUD, Sigmund (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In: **P. C. Souza. Edição Obras Completa de Sigmund Freud** (Vol. 18, pp. 90-223). Rio de Janeiro: Imago.
[17] ——, Sigmund (2011). Obras Completas. Volume 15. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. 1920 – 1923. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
[18] GERBER, Keilah Freitas; ZANOTTI, Susane Vasconcelos (2022). **Descendants of notorious nazis**: Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/yxHhyZbgCBhtdrLMMZ8Zf8D/?lang=pt. Acesso em: 03 DEZ 2022.
[19] GOYA, Francisco de (1795-1799). **O sono da razão produz monstros**. 1 gravura. 21,4 cm x 15 cm. Rijksmuseum: Amsterdã, 1797-1799.
[20] HORKHEIMER, M. & Adorno, T. W (1985). O conceito de esclarecimento. In: M. HORKHEIMER & T. W. Adorno (Orgs). **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
[21] KLEMPERER, Victor (2000). **Language of the Third Reich**. Translated by Martin Brady. – Bloomsbury Revelations edition. London: New Brunswick, N.J.: Athlone Press.
[22] LE BON, Gustave (2019). **Psicologia das Multidões**. São Paulo: WMF Editora Martins Fontes.
[23] LEVI, Primo (1988). **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco.
[24] SÁNCHEZ, Antônio Pombo (2017). **La derrota de la razón – Janusz Korczak: médico, educador y mártir**. Buenos Aires: Xoroi Edicions.
[25] SANTAYANA, George (1905). **The Life of Reason or The Phases of Human Progress** Volume I: Introduction & Reason in Commonsense. London: Constable & Company.
[26] SARTRE, Jean Paul (2009). **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes.
[27] SOUZA, Jessé (1997). Multiculturalismo, Racismo e Democracia. Por que comparar Brasil e Estados Unidos? In: SOUZA, Jessé. (Org.). **Multiculturalismo e Racismo**. **Uma comparação Brasil–Estados Unidos**. Brasília: Paralelo 15, p. 23-35.
[28] STANLEY, Jason (2018). **Como funciona o fascismo? A política do "nós" e "eles"**. L&PM: Porto Alegre.
[29] TODOROV, Tzvetan (2000). **Abusos da memória**. Ediciones Paidós Ibérica.
[30] VOLKAN, Vamik D (2007). Psicodinâmica da violência de grandes grupos e da violência de massas. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 11 (Sup): 1199-1210.
[31] ZE'EVI, C (2011). **Hitler's children**. Israel: Maya Productions, Saxonia Entertainment, 1 DVD (83min.), son., color.
[32] ZWEIG, Stefan (2009). **El mundo de Ayer. Memorias de um europeo.** Traduzido do alemão por: Pablo Àlvarez Ellacurría. Barcelona: Papel de Liar.